

GENARO DE CARVALHO: O ARTISTA TAPECEIRO

Simone Trindade Vicente da Silva¹

Considerações sobre o artista Genaro de Carvalho (1926-1971), destacando a sua obra em tapeçaria.

Esse trabalho foi realizado para a disciplina EBA 533 – Artes Visuais na Bahia, ministrada pelo Prof. Dr. Luiz Alberto Ribeiro Freire, integrante do Mestrado em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. O tema – Genaro de Carvalho – era integrante de uma série de dez tópicos sobre a arte e artistas da Arte Moderna da Bahia. A escolha foi feita por empatia e um certo conhecimento prévio sobre a obra do referido artista.

Logo que a pesquisa foi iniciada, um questionamento se destacou: como e por que se deu a escolha da tapeçaria no percurso de Genaro de Carvalho e como foi o seu desenvolvimento. De todas as técnicas que ele utilizou, a tapeçaria foi a mais curiosa porquanto incomum em sua época no Brasil. O objetivo deste trabalho é levantar algumas possíveis respostas para a questão da tapeçaria em sua obra. Devido à natureza desse trabalho, optamos por um enfoque específico em detrimento de analisar o conjunto de sua produção artística. Entretanto, como a tapeçaria é apenas uma parte deste, é preciso contextualizá-la. As principais fontes consultadas foram os catálogos de exposições deste artista, base de toda biografia construída sobre ele, obras de referência e artigos de jornais e revistas da época entre 1948 a 1971. Infelizmente, não foi possível manter contato com a viúva do artista, a artista Nair de Carvalho. Evidentemente, esse trabalho não tem a pretensão de esgotar o tema e aponta para a necessidade de um estudo profundo sobre o prodigioso artista Genaro de Carvalho.

GENARO DE CARVALHO: O JOVEM ARTISTA

Genaro Antonio Dantas de Carvalho nasceu em Salvador, Bahia, a 10 de novembro de 1926, à Rua Newton Prado, 59, Gamboa de Cima. Era filho do comerciante Carlos Alberto de Carvalho e de D. Celina Idália Magalhães Dantas de Carvalho. A maioria dos seus catálogos de exposição cita que “tinha quatro anos à primeira vez que tentou fazer um quadro, recortando uma caixa de tônico de nome Glefina (muito em voga naquela época) pregando-o com taxas sobre um fundo de caixa de charutos Suerdieck, tentou reproduzir a Ilha de Itaparica (pintando o mar com Azul de Metileno), à paisagem que via da varanda”(EXPOSIÇÃO, 1965, p.20). Seu pai, pintor amador, foi seu primeiro mestre.

¹ Licenciada em História pela Universidade Católica do Salvador. Graduada em Museologia pela Universidade Federal da Bahia. Mestranda em Artes Visuais – Escola de Belas Artes, UFBA.

Em 1944, com 17 anos, participou do 1º Salão de Arte Americana, na Associação Cultural Brasil-Estados Unidos, situada na época à Rua de São Raimundo. Essa foi a primeira exposição dos integrantes da 1a. geração de modernos da Bahia, a tríade pioneira composta por Genaro de Carvalho, Carlos Bastos e Mário Cravo Jr. Esses jovens artistas estrearam expondo junto a uma grande maioria de pintores acadêmicos (SCALDAFERRI, 1997, p.66). A reação à inovação viria pouco depois, quando começariam a ousar, atingindo em especial a Carlos Bastos nas exposições de 1947 e 1949, quando “vários de seus trabalhos foram rasgados pelo público, numa reação determinada por uma tradição de quatro séculos de arte acadêmica, e pela ignorância dos novos padrões e valores da arte” (COELHO, 1973, p.16).

Logo após a sua exposição de estréia em 1944, Genaro foi para o Rio de Janeiro terminar o curso científico no tradicional Colégio Andrews e estudou desenho na Sociedade Brasileira de Belas Artes – SBBA, com o prof. Henrique Cavalleiro. No ano seguinte, devido a uma crise nervosa conseqüente de um distúrbio na tireóide, o Dr. Peregrino Júnior prescreveu a prática da pintura como terapia, o que provavelmente fez com o mesmo professor. Fruto dessa experiência foram as suas primeiras exposições individuais, em outubro de 1945 na Associação Brasileira de Imprensa, em 1946 no Museu Nacional de Belas Artes e em 1947 a sua primeira mostra individual na Bahia na Biblioteca Pública da Cidade do Salvador. Ainda em 1947, participou do Salão Brasileiro, no Rio de Janeiro, com pelo menos duas obras, conforme atesta o catálogo de sua exposição individual de abril de 1948, realizada no Hall do Edifício Oceania em Salvador.²

Indubitavelmente é marcante a influência de Henrique Cavalleiro na obra inicial de Genaro de Carvalho. Henrique Cavaleiro (Rio de Janeiro, 1892 - 1975) que é considerado primeiramente um impressionista, traz forte identificação com o pintor francês Paul Cézanne (1839-1906). Essa busca cézanniana pelas formas fundamentais e a “relação da cor com a modelação” (GOMBRICH, 1985, p.432) são visíveis principalmente nos casarios de Genaro de Carvalho, sutilmente geométricos (fig.1) e do seu primeiro mestre acadêmico (fig.2).



*fig.1 Casario. Óleo sobre tela. Dec. 1940.
Genaro de Carvalho. Col. César Romero*



*fig. 2 – Paisagem. Óleo sobre tela, 1923. Henrique
Cavalleiro. Col. Museu Carlos Costa Pinto*

² Nesse catálogo, as obras de nº 14 (Rebocadores na ponta do Caju- Rio) e nº 16 (Sobrados Babianos – Bahia), respectivamente classificadas como Marinha e Casario, trazem a indicação “Salão Brasileiro de 1947” entre parênteses após o título. A obra de nº 16 parece ser a que pertence ao colecionador baiano Dr. César Romero, que traz no verso a inscrição “Salão Nacional de Belas Artes de 1947 (Sobrados Babianos)”.

Com relação às marinhas, a coluna do *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, de 09/09/1947 (apud EXPOSIÇÃO, 1948) comparou o jovem Genaro a Castagneto (Itália, 1851 - Rio de Janeiro, 1900), considerado o mestre das marinhas. Pode-se constatar a raiz dessa comparação na força de suas marinhas (fig. 3 e 4), de orientação impressionista como a do consagrado Castagneto. Além de marinhas e casarios, Genaro produziu paisagem, figuras, “goaches” e desenho, segundo o catálogo de 1948.



fig. 3 – Marinha. Óleo sobre tela. Dec. 1940.
Genaro de Carvalho. Col. César Romero.



fig.4 – Pedra da Gávea. Óleo sobre tela. Dec. 1940.
Genaro de Carvalho. Roberto Alban Galeria de Arte.

Em 1949, expôs desenhos na Galeria da recém inaugurada boate *Anjo Azul*, propriedade do antiquário José Pedreira, ponto de encontro dos intelectuais em Salvador, Bahia. Logo depois, viajou para a Europa.

EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS

Recebendo uma bolsa de estudos do Governo francês, Genaro de Carvalho seguiu para Paris. Foi aluno da *École National de Beaux Arts* e do *Ateliê de Pintura* do cubista André Lbote (Bordeaux, 1885 – Paris, 1962), que também foi mestre de Tarsila do Amaral e de Iberê Camargo. Aproveitou a oportunidade para viajar à Itália para conhecer os clássicos. Durante esse ano de 1949, assinou para o *Jornal da Bahia* uma coluna de arte semanal intitulada PINTURA, comentando obras de Paul Gauguin (Paris, 1848 – Ilhas Marquesas, 1903), Winslow Homer (EUA, 1836-1910), Cézanne (Aix-en-Provence, 1839 - 1906), Van Gogh (Holanda, 1853 – França, 1890), Georges Braque (França, 1882 – 1963), etc. Essas foram as influências européias de Genaro? Onde estavam as vanguardas artísticas da época?

Genaro de Carvalho, aos 23 anos, vivenciava uma busca por uma identidade artística através de uma fase de experimentação. Ele produziu pinturas de forte influência do cubismo (fig. 5 e 6) e do fauvismo de Matisse (fig. 7 e 8), mas não era o bastante. “Nessa época, não satisfeito com a pintura de cavalete, andou procurando um novo meio de expressão. A princípio, pensou em mosaico, chegando a realizar alguns trabalhos; depois, o vitral, e

finalmente descobriu na tapeçaria mural a expressão que procurava, e que iria, plenamente, satisfazer seu ideal artístico” (COELHO, 1973, p.105-6)



fig.5 – A Francesa de Bruges – Nicole. Óleo sobre tela. França, dec. 1950. Genaro. Roberto Alban Galeria de Arte.



fig. 6 – Femme à sa toilette. Óleo sobre tela. França, 1923. André Lhote. Musée National d'Art Modern.



fig. 7 – Janela de Nice. Óleo sobre tela. França, dec. 1950. Genaro. Roberto Alban Galeria de Arte.



fig. 8 – The Red Room (Harmony in Red). Óleo sobre tela, 1908. H Matisse. Hermitage Museum.

GENARO E A TAPEÇARIA

Genaro de Carvalho descobriu a tapeçaria na Europa. “Fascinado pelas tapeçarias expostas nas galerias do Quartier Latin, ele começa a transpor em 1950 as figuras das suas telas para a trama de fios do estilo de tapeçaria conhecida por ‘basse lisse’”(VEJA, 07.07.1971, p.82) . Quem o iniciou nesse caminho não é indicado em nenhuma das fontes consultadas. Não consta em nenhuma biografia que seu mestre André Lhote tenha feito qualquer experiência nesta área. Uma forte possibilidade é a de Genaro de Carvalho ter frequentado o Ateliê de Fernand Léger (França, 1881 – 1955), que foi mestre de Tarsila do Amaral e Lygia Clark. Léger, rotulado como cubista, além de pintor e desenhista, fez desenhos para vitrais, mosaicos e cerâmicas, cenários para teatro e balé, projetos de decoração, escultura em bronze e foi um tapeceiro. A sua experimentação artística identifica-se com a de Genaro. Embora não conste da maioria dos catálogos de exposição consultados, Fernand Léger aparece como seu mestre no Catálogo da Renot 2003, na Enciclopédia de Artes Visuais do Itaú Cultural e no comentário de

Sérgio Milliet³. Ao compararmos as pinturas de Léger (fig.9), principalmente as relacionadas à flora, e as de Genaro de Carvalho na década de 1950 (fig.10) é possível estabelecer um elo de ligação iconográfico, pictórico e formal.



fig. 9 - Propellers. Óleo sobre tela, 1918
Fernand Léger. Sobo-art.com



fig. 10 – Canteiro. Técnica mista, 1957
Genaro de Carvalho. Renot 2003.

Evidentemente, muitos pintores famosos tiveram suas obras transpostas para tapeçarias ou criaram cartões sob encomenda, como fizeram Braque, Picasso, Miro e Matisse⁴ para o Ateliê de Aubusson em 1929. A questão é que não havia a relação pintor/tapeçaria, eram atividades dissociadas (ANDRADE, 1978, p.27). Um tapeceiro, um artista tapeceiro, concebe pensando na produção, na técnica da tecelagem, tendo a tapeçaria como seu suporte de expressão.

Em 1950, na Europa, Genaro de Carvalho confeccionou a sua primeira obra em tapeçaria mural⁵ denominada Plantas Tropicais (2,00 x 1,40m), adquirida pelo Dr. Pamphilo Pedreira de Ultra Freire de Carvalho, seu primeiro colecionador.

O PRIMEIRO ATELIÊ DE TAPEÇARIA NO BRASIL

Genaro de Carvalho retornou ao Brasil em 1950, participando da 1a. Bienal de São Paulo. Ainda neste ano, já em Salvador, recebe a encomenda e inicia um mural em afresco seco para o Hotel da Bahia. Essa obra constitui-se um marco em sua vida, tanto pela qualidade e representatividade do trabalho quanto pela sua

³ Sérgio Milliet da Costa e Silva (São Paulo, 1989-1966) foi pintor, poeta e crítico de arte. Participante da Semana de Arte Moderna de 1922, na década de 1940 dedicou-se à crítica de arte publicando vários ensaios. Foi diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo e presidente da Seção Brasileira da Associação Internacional de Críticos de Arte. No catálogo de exposição de Genaro de Carvalho da Galeria Quirino, em Salvador, datado de 1965, consta um breve ensaio de Sérgio Milliet sobre a tapeçaria onde cita “Como tapeceiro, aproveitou Genaro de Carvalho tudo o que aprendera na pintura, tirou partido de todas as suas pesquisas de matéria e tom. E, seguindo o caminho indicado e trilhado antes por Luçart, Léger e outros, criou um artesanato capaz de executar os seus “cartões” ou projetos.”

⁴ Curioso é lembrar que Braque, Picasso, Miró e Matisse são as principais influências na pintura de Genaro na década de 1950 e estão presentes também nas tapeçarias e experimentos com colagem que produziu.

⁵ A tapeçaria mural contrapõe-se ao tapete, como indicativo de uso sobre paredes.

repercussão. O mural⁶ de 200 m², intitulado *Festas Regionais*, ou segundo alguns autores *Festejos Regionais Babianos* (fig. 11), levou um ano e meio para ser concluído. Sua grandiosidade e composição harmoniosa, o colorido vibrante, a influência cubista e expressionista com temática bastante regional, impressiona. “Trata-se do primeiro trabalho mural na Bahia que procurou criar plasticamente um ambiente” (CRUZ, 1973, p.68). Graças a esta obra, Genaro de Carvalho mereceu citação, ao lado de Portinari, no livro *Brazilian Architecture* de Henrique Mindlin, como um dos “dois artistas plásticos que souberam coadunar sua arte-mural com a arquitetura contemporânea” (apud *Catálogo de exposição*, 1965).



fig. 11 – Painel *Festas Regionais*. Pintura mural a tempera.

Genaro de Carvalho. Salvador, 1950. Hotel da Bahia

Esse famoso mural é o pivô de uma interessante história que foi repetida ao longo dos anos, presente em todas as suas biografias dos catálogos de exposição. Na apresentação do catálogo de exposição de 1956, Manuel Bandeira escreve “contaram-me que Lurçat, passando em Salvador, viu no Hotel da Bahia o grande mural ali pintado por Genaro e foi procurar o artista para dizer-lhe que ele, o baiano, era – um tapeceiro”. Isto teria ocorrido em fevereiro de 1954 e Jean Lurçat (França, 1892-1966), considerado o mestre da tapeçaria moderna, o teria convidado para ser seu ajudante e discípulo em Saint-Céré, na França, onde havia instalado seu ateliê de tapeçaria desde 1945. Não foi possível, até o momento, averiguar este acontecimento. Contudo, Genaro utiliza em suas tapeçarias técnicas francesas. Possivelmente, já conheceria o seu trabalho de quando esteve na França. Lurçat teria lhe proporcionado o conhecimento técnico necessário para que em 1955 criasse, em Salvador, o primeiro ateliê de tapeçaria no Brasil (ANDRADE, 1978, p.37).

Nesse período a tapeçaria domina a sua produção artística. “Genaro não aceitou o convite, mas as sugestões de Jean Lurçat foram decisivas para a aceitação da sua nova arte” (VEJA, 07.07.1971, p.82). Ele conseguiu produzir obras em seu ateliê baiano, e já em 1955 expôs pela primeira vez suas tapeçarias na *Petite Galerie*, no Rio de Janeiro. No ano seguinte, expôs na *Galeria Oxumaré*, em Salvador. No catálogo desta pode-se verificar que das 57 obras expostas, 30 são tapeçarias, 22 são cartões para tapeçaria e apenas 5 são quadros (sem indicação de técnica).

⁶ Além deste mural, Genaro produziu em 1953, o painel para Banco Econômico, no primeiro edifício de Itabuna, Edf. Comendador Firmino Alves. Realizou também murais para a Fundação Hospitalar Otávio Mangabeira, para a Companhia Baiana de Gás, entre outros.

O TAPECEIRO

O tapeceiro Genaro de Carvalho tornou-se na década de 1950, mais uma vez, um pioneiro. No Brasil não havia tradição em tapeçaria artística. O Alvará de 1785, medida da rainha portuguesa D. Maria I, que proibiu a construção de manufaturas no Brasil pode ser apontado como uma das causas desta situação. A primeira experiência na redescoberta da tapeçaria no Brasil foi realizada pela artista Regina Gomide Graça (São Paulo, 1897 – 1973)⁷ em São Paulo, nos anos de 1920, que produziu obras de qualidade. Mas foi com Genaro, mais de trinta anos depois de Regina Graça, que esta arte foi elevada, tornando-se a sua forma de expressão por excelência, consagrando-o como o artista tapeceiro internacionalmente. Entre outros eventos e exposições, participou em 1965 do mais importante encontro mundial de tapeceiros, a II Bienal Internacional de Tapeçaria, realizada no Musée Cantonal des Beaux-Arts, em Lausanne, Suíça, que gerou uma publicação. Em 1967, foi realizado um filme de curta metragem “Genaro e a Tapeçaria Brasileira”, produzido para a televisão pelo governo norte-americano.

Para viabilizar o seu projeto de produção em tapeçaria, em Salvador, Genaro enfrentou uma série de problemas operacionais: técnica, qualidade da matéria-prima, mão-de-obra, equipamentos. Às técnicas de tecelagem francesa que dominava (o haute-lisse, basse-lisse e o gobelin⁸) teve de adaptar as técnicas do artesanato nordestino, utilizando principalmente a de construção das tradicionais redes. Ele não importou modelos simplesmente, buscou processos, soluções. A matéria-prima, a lã nacional, era “um material inferior, por muito tempo limitado a quinze tonalidades” (VALLADARES, 1963, p.8). Essa era a sua paleta, com a qual conseguiu elaborar as suas concepções cromáticas. A mão de obra foi formada pelo próprio artista. Sobre ela diz Genaro “a minha equipe de tecelãs é oriunda de certa formação profissional, a do trabalho de rendas e de rede de dormir do nordeste brasileiro, à qual adapto a interpretação de minha tapeçaria. Eu crio o cartão e oriento a tecelã, formando-a de acordo com as necessidades de cada tipo” (EXPOSIÇÃO, 1967, p.7). Genaro chegou a ter quase uma centena de tecelãs a seu serviço (VALLADARES, 1963, p.8 e KAWALL, 1972, p.136).

O Ateliê do tapeceiro Genaro de Carvalho localizava-se em 1964 à Avenida Sete, 291, defronte do Hotel da Bahia (REVISTA, 1964). Uma vez organizada a sua estrutura de produção, a tapeçaria era composta da seguinte forma:

⁷ Regina Gomide Graça foi pintora, decoradora e tapeceira. Dedicion-se ao estudo da tecelagem indígena. Em 1941, abriu a Indústria de Tapetes Regina Ltda.

⁸ O haute-lisse é um tear vertical. O basse-lisse é uma técnica de tecelagem cujo tear tem a trama em posição horizontal, possui pedais com os quais o tecelão separa os fios com os pés, deixando as mãos livres para manusear as bobinas. O gobelin não usa nós e sim agulha que entrelaça os fios perpendicularmente.

“Para a tapeçaria, Genaro pinta antes um quadro, chamado “cartão”, à óleo. Com pantógrafo, amplia-o sobre uma folha de papel, que é colocada atrás do urdimento. A tapeçaria é feita acompanhando o traço do desenho e numerando as cores na ampliação do cartão. Para cada cartão faz geralmente uma única tapeçaria; quando faz mais de uma, realiza-a em tamanho diferente, introduzindo modificações” (ARTE, 1971, p.96).

Um exemplo deste processo pode ser verificado na coleção Dr. César Romero, onde um quadro (fig. 12) de temática floral, pintado em técnica óleo sobre tela, demonstra ter sido o cartão de uma tapeçaria (fig. 13).



fig. 12 – Flores. Óleo sobre tela.
Dec. 60. Col. Dr. César Romero



fig. 13 – Flores. Tapeçaria
Dec. 60. Col. Dr. César Romero

É preciso, contudo, ressaltar que Genaro não se prendeu ao tecnicismo, pois desta forma a tapeçaria não poderia ser sua expressão. Ele mesmo diz:

“Não tenho compromisso com o tear, nem com o bastidor, e não quero ser um mestre de coisa nenhuma. Prefiro a aventura da experiência. Não quero defender uma tapeçaria acadêmica, mas o pano como expressão artística. Ele pode ser bordado, tecido, lavrado, pintado, aplicado com contas, pedaços de madeira, colagens, outros tecidos, cortado ou apresentado sob qualquer forma. Sirvo-me dele como material. Neste ponto, sou um artista absolutamente ‘pop’” (EXPOSIÇÃO, 1967, p.11).

A TAPEÇARIA DE GENARO

Havia total integração entre Genaro pintor e Genaro tapeceiro. Pintura e tapeçaria caracterizam-se por ausência de volume e de perspectiva formando uma composição plana, desenho esquemático, linearismo de traço grosso como contorno, cores fortes e contrastantes. O caráter decorativo de sua obra é marcante, evocando Matisse e a arte chinesa. Geralmente sua tapeçaria tem como tema a fauna e a flora brasileira, com as quais criou séries de tapeçarias como Frutos e flores, Frutos e favas, Girassol, Pássaro, Peixes, Borboletas, Plantas, etc. Os títulos de suas tapeçarias são líricos, como “Caleidoscópio de nossa infância”, “Rosa branca encantadora e mágica”, “O grande pássaro solitário”, diferindo dos títulos de seus quadros meramente descritivos como “Catedral” ou “Gamboa de cima e Gamboa de Baixo”. Algumas de suas tapeçarias trazem no verso a identificação do título e/ou série, autoria, data (escritas à mão) e uma tira de tecido costurada trazendo a inscrição impressa “Genaro de Carvalho – av. Sete, 291 – Salvador – Bahia”.

Após essa visualização formal da tapeçaria genariana, é preciso explorar a sua temática, sua mensagem e conteúdo.

Os temas mais freqüentes são o pássaro, a flora e a borboleta. O pássaro freqüentemente em voo, pode aparecer em repouso, solitário, numa referência clara ao artista, evocando a liberdade e a própria situação da criação artística, concebendo o artista como um observador do mundo. Essa identificação artista – pássaro, pode ser verificada em um entrevista de Genaro. Quando indagado sobre o que gostaria de ser se não fosse pintor, ele respondeu: “Um pássaro, voando sobre o céu livre da Bahia” (KAWALL, 1972, p.137). O pássaro de Genaro não é um altivo falcão, é um pássaro típico do Brasil, como o corrupião⁹. A Série Pássaro solitário foi demarcada por Clarival do Prado Valladares entre 1956 a 1963. Já na exposição de 1956, na Galeria Oxumaré, em Salvador, consta dos números 8 e 27 sob o título “O grande pássaro solitário”. Na coleção Dr. César Romero, um desses pássaros (fig.14), pode ser visto em voo, sobre fundo vermelho, tendo acima à esquerda um elemento circular em amarelo aludindo provavelmente ao sol, abaixo duas flores semelhantes a girassóis em amarelo, azul claro, branco, preto e verde. O pássaro, em branco, tem o corpo decorado por elementos triangulares em preto e detalhes em azul claro. O verso desta tapeçaria traz a inscrição “Pássaro”.



*fig.14 – Passaro solitário. Tapeçaria
Dec. 50. Col. Dr. César Romero.*



*fig. 15 – Paxoró de Barro. Óleo sobre tela.
Dec. 60. Roberto Alban Galeria de Arte.*

O Pássaro é um tema também presente na sua pintura. Em alguns exemplares reflete a influência iconográfica do candomblé, como em “Paxoró de Barro”(fig.15). O Paxoró, Opa Oxoró ou Opa Osoró é o cajado cerimonial do orixá Oxalá. Este atributo é encimado por um globo e um pássaro. Genaro de Carvalho era um iniciado, era um dos 12 obás¹⁰ Xangô do Terreiro Axé Opô Afonjá de Mãe Senhora. Como Caribé e Jorge Amado, ele era filho do orixá Oxossi (AMADO, 1977, p.178), rei de Ketu, o caçador, cujo domínio é a floresta, a mata e seus animais, a flora e a fauna presentes na temática do artista.

⁹ O nome científico do corrupião é *icterus jamacaii*. É conhecido como sofrê. Destaca-se por sua beleza e canto melodioso. Mede cerca de 20cm. Habita a caatinga e o cerrado do Maranhão, Bahia e Minas Gerais. Consta da lista de aves em extinção do IBAMA.

¹⁰ O ogã “não tem funções religiosas especiais, mas ajudam materialmente o terreiro e contribuem para protegê-lo”. Alguns ogãs do Terreiro Opô Afonjá recebem um título distintivo de oba, amigo e protetor do Terreiro (VERGER, 1980)

No que se refere à flora, este é um tema bastante profícuo na obra de Genaro, tanto na pintura como na tapeçaria, que gerou uma gama de séries. Uma delas é *Canteiro da Varanda*, que Clarival do Prado Valladares identifica à uma evocação de sua casa paterna. Da *Série Jardim da Casa Vermelha*, selecionamos um exemplar (fig. 16)¹¹ na coleção Dr. César Romero. Esse trabalho, de colorido vibrante (com vermelho, verde, marrom, azul, amarelo e branco) e contorno em preto, apresenta uma composição plana, geométrica, de formas agrupadas e sobrepostas, assinatura no canto inferior direito. Há uma forte semelhança deste tema e da forma como foi trabalhado com algumas obras de Fernand Léger como a pintura *Propellers* de 1918 (fig.17). Há uma linguagem em comum entre elas, embora o colorido vivo de Genaro se sobressaia. As espécies trabalhadas são as nativas, o referencial genariano é brasileiro. A *Série Girassol* (fig. 18), de intenso cromatismo, traz figuras isoladas, numa composição à semelhança de Joan Miró (1893 – 1983) (fig. 19). O fundo vermelho, cor predominante da composição, traz nuances demarcadas por formas geométricas que são sobrepostas pelos elementos figurativos (flores e borboletas) de contorno em preto. Traz assinatura no canto inferior direito.



fig. 16 – Jardim da casa vermelha. Tapeçaria
Dec. 60. Col. Dr. César Romero.



fig. 17 - Propellers. Óleo sobre tela,
1918. Fernand Léger. Sobo-art.com



fig. 18 – Série Girassol. Tapeçaria.
Genaro de Carvalho. Col. César Romero



fig. 19 – Paisagem catalã. Joan Miró.
Museu de Arte Moderna de Nova York.

A *Série Borboleta*, diretamente relacionada às Séries referentes à flora, encontra também paralelo com a pintura de Fernand Léger denominada *Nature-morte aux papillons* (fig. 20), da década de 1940. A borboleta, símbolo da transformação, é freqüente em Genaro, representando possivelmente a sua constante busca por inovações. Na obra *Duas Borboletas* (fig. 21), uma colagem sobre tecido, existente no catálogo da Renot 2003, as borboletas

¹¹ Foi possível identificar no catálogo da Renot 2003 , p.9, o quadro que serviu de “cartão” dessa tapeçaria de propriedade do Dr. César Romero. Ele traz o título “Canteiro da varanda”, um óleo sobre tela, assinado no canto inferior direito, datado de 1957.

em vermelho e amarelo com contorno em preto, são cercadas por formas geométricas em bege e amarelo, com detalhes em azul, o fundo é cinzento.



Fig. 20 – Nature-morte aux papillons. Óleo s/ tela.
Dec. 40. Fernand Léger. Musée Fernand Léger.



fig.21 – Duas borboletas. Colagem s/ tecido.
1956. Catálogo Renot 2003.

O grafismo também aparece na tapeçaria de Genaro. Um exemplar da coleção Dr. César Romero (fig. 22) mostra como o autor montou uma composição em linhas, com predomínio do preto sobre fundo branco, e apenas quatro pequenos detalhes oblongos em verde, vermelho e azul.



fig. 22 – Grafismo. Tapeçaria. Genaro.
Dec. 60. Col. Dr. César Romero

Devido a sua temática lírica e ao caráter decorativo de sua obra, Genaro foi chamado de alienado, descomprometido. Ele mesmo se defende dizendo que “a arte que faço é uma arte de amor, sempre foi. Faço porque gosto, e desejo que outros gostem também. Nunca foi nem será uma arte hermética, não é uma arte de revolta nem uma arte de protesto, mas isso não quer dizer que esteja de acordo com as dores do mundo contemporâneo. Sou um participante e uma testemunha de todos os acontecimentos e conflitos” (EXPOSIÇÃO, 1967, p.1).

Genaro procurou também outras influências. Em 1959, quando expôs nos E.U.A. a convite do governo, vai ao Novo México visitar as antigas povoações espanholas de Santa Fé, Maria, Albuquerque e Taos, onde conhece o último representante dos Chimayos Pele Vermelha, tradicionais tapeceiros. Em 1965, após participar da II Bienal Internacional de Tapeçaria, na Suíça, seguiu para Paris com o objetivo de reestudar a tapeçaria medieval. Pesquisando materiais, no final da década de 1960, experimenta fios longos e outros elementos, uma influência da tapeçaria popular eslava (PONTUAL, 1969, p. 234).

Inquieto, Genaro explorou a experimentação com outros materiais, texturas. A tapeçaria Jacarandá (fig. 23), integrante do catálogo da Renot 2003, datada de 1970, é um exemplo disso, fruto de sua produção contínua ao longo de 15 anos, sempre em busca de novas soluções. Nessa composição, além da tapeçaria, janelas são abertas

e preenchidas por cordões de contas, que também são aplicadas sobre a composição, revestindo formas geométricas. Em algumas áreas a tapeçaria é texturizada com seus próprios fios.



fig. 23 – Jacarandá tapeçaria, 1970.

Catálogo Renot 2003.

O ESTIGMA DO TAPECEIRO

Embora reconhecido nacional e internacionalmente como um tapeceiro por excelência, Genaro ao descobrir e consagrar-se na tapeçaria, não se limitou a essa única forma de expressão. O desenho e a pintura, suas técnicas iniciais, acompanharam-no até a sua última fase. Um tema existente nestes, que não foi identificado nas tapeçarias, foi a figuração feminina. A representação feminina feita por Genaro é bem sensual, com formas exuberantes, quadris largos, olhos esgarçados. Sua esposa Nair de Carvalho, parece ter sido a sua principal musa. Genaro não constrói perspectivas no desenho, sua composição plana, por vezes traz um fundo decorativo como nas obras art nouveau de Klimt. No desenho (fig. 24) da coleção Dr. César Romero, a grande parte do fundo é preenchido por flores e folhas estilizados numa grande plasticidade, sobre este repousa languidamente uma mulher nua.



fig. 24 – Sem título. Desenho. Genaro de

Carvalho Col. Dr. César Romero.

Dentro da figuração feminina, um tema é recorrente: a mulher e o gato. Na década de 1950 aparece na tela “A Martiniquenha”, tratado com influência cubista (fig. 25). Remete à “Olympia” de Manet de 1863 (fig. 26). Aparece, em dois desenhos no catálogo de exposição da Galeria Quirino em 1965 (fig. 27) e no catálogo Renot 2003 sob o título “Nuzinbo do gato preto”(fig. 28).



fig. 25 – A Martiniquenha. França, óleo s/ tela.
Dec. 50. Genaro. Roberto Alban Galeria de Arte.



Fig. 26 - Olympia. Óleo s/ tela, 1863.
Musée d'Orsay.



fig. 27 – Sem título. Desenho, dec. 1950. Genaro.
Catálogo de exposição Galeria Quirino, 1965



fig. 28– Nuzinbo do gato preto. Téc. mista
s/ tecido, 1969. Genaro. Cat. Renot 2003.

Genaro também explorou outras áreas. Em 1952, elaborou desenhos para mobiliário moderno, lançando na Bahia o estilo Funcional junto com os arquitetos Lev Smarcevsy e Antonio Rebouças. Em 1960, criou a série de desenhos exclusivos intitulada “Coleção Brasileira” para a Companhia Deodoro Industrial. Em 1962 criou para o ICOM – International Council of Museums, o cartaz para o 3º Congresso Nacional de Museus, realizado na Bahia. Ainda como designer criou, a pedido do Consulado Brasileiro, o cartaz para a Brazilian Exposition Philadelphia USA, realizada em Salvador.

Experimentando o tridimensional, Genaro compôs no final da década de 1960, uma série de objetos. De colorido forte, eles se assemelham às tapeçarias e pinturas, pela temática fitomorfa, estilização das formas e composição. Eles são uma versão em relevo dos seus jardins pintados e tecidos. Na coleção Dr. César Romero há objetos. Um deles (fig.29), um jardim, tem estrutura retangular em madeira, pintada em vermelho, verde, branco, amarelo e azul. Os elementos em relevo, estilizados, que são identificáveis são uma flor e uma folhagem.



fig. 29 - Jardim abstrato. OBJETO.
Col. Dr. César Romero.



Fig. 30 -Série Mulatas. Óleo s/ tela.
Dec. 1970.

A sua última fase teve como tema as Mulatas (fig. 30), numa volta à figura feminina, confeccionadas em pintura. Algumas vezes até o tema A mulher e o gato retorna. Sobre essa fase, Genaro comentou:

“Essas mulatas eu as pintei, elaborei, inventei, uma a uma com delicadeza, saber, orgulho e agonia de criar. Essas mulatas não vieram de uma rua, de um beco, esconso apartamento, casa, avenidas, alamedas, não. Vieram numa nuvem doirada, numa ave do paraíso e eram a bonança e a tempestade, um óleo perfumado, resina, madeira do Oriente, quem sabe vieram de Bizâncio num barco de sândalo” (KAWALL, 1972, p.138)

Entretanto, essa última fase não foi bem aceita pela crítica, embora tenha conseguido vender toda a série, devido ao seu reconhecimento artístico. O crítico José Roberto Teixeira Leite comentou “quanto às pinturas – nus de mulatas, folhagens, flores -, não suportam o cotejo com as tapeçarias: são amaneiradas, doces, superficiais e decorativas” (LEITE, 1988, p.67). Em 1971, após expor as suas mulatas no mês de maio em São Paulo e em junho na Petite Galerie, no Rio de Janeiro, elas sempre eram comparadas desfavoravelmente às suas tapeçarias, sentiam falta de sua maestria. Esse estigma de tapeceiro irritou o artista, o pintor. Não se sentindo bem, retornou no final de junho a Salvador. Piorando, foi internado. Sofreu um AVC – acidente cardíaco-vascular, entrou em coma e faleceu em 2 de Julho de 1971, data comemorativa da Independência da Bahia.

As notícias após a sua morte o homenageiam como grande artista. Até as mulatas recebem um novo tratamento no seu obituário, comentam que elas “mais tarde certamente mereceriam elogios entusiasmados quando aparecessem deitadas nas suas tapeçarias” (Veja, 07.07.1971, p.82). Sempre o tapeceiro suplantando o artista.

CONCLUSÃO

O enfoque proposto para esse trabalho foi como e por que se deu a escolha da tapeçaria no percurso de Genaro de Carvalho e como foi o seu desenvolvimento. Podemos concluir que a tapeçaria de Genaro traz forte influência européia, notadamente francesa. Entretanto, ele próprio desenvolveu o seu método, compondo uma técnica

particular a partir de tradições têxteis populares. Desta forma, Genaro uniu o erudito e o popular tanto na técnica como na temática.

Se Genaro não possui uma obra politizada como Portinari, ele não constrói uma arte alienada. Seus referências temáticas são bem regionais, seguindo a proposta regionalista dos modernistas das décadas de 1930 e 1940. Genaro é universal, mas é nordestino, daí os exemplares de sua flora e fauna serem bem típicos, “tropicais”. Mesmo as suas figuras femininas são representações de mulheres brasileiras, como as mulatas. A sua predileção por cores vivas, contrastantes, de composição alegre e harmoniosa são expressões de um artista de colorido baiano.

Sem dúvida, a grande expressão de Genaro deu-se através da tapeçaria. A trajetória artística que percorreu desde 1944, propiciou o seu encontro com essa forma. Não é somente a excelência técnica de sua tapeçaria que o distingue, é o seu estilo individual, o conjunto de sua obra. Genaro tornou-se referência para a história da tapeçaria no Brasil, influenciando decisivamente em muitos dos seus rumos atuais. O seu pioneirismo empreendedor na instalação do primeiro Ateliê de Tapeçaria do Brasil é notável. Foram citadas algumas das dificuldades operacionais que enfrentou. Vale acrescentar que ele se estabeleceu em Salvador, Bahia, sua terra, e apesar de tudo triunfou, produzindo uma tapeçaria de excelente qualidade técnica e artística.

Apesar do enfoque sobre a sua tapeçaria, é preciso reconhecer que mais que um tapeceiro, Genaro era um artista. Artista de múltiplas expressões. Foi desenhista, pintor, designer e tapeceiro. Por isso o denominamos nesse trabalho de artista tapeceiro, submetendo o tapeceiro ao artista, uma de suas manifestações, certamente, a mais marcante.

Para finalizarmos, agradecemos e dedicamos este trabalho ao Sr. Aníbal Gondim, companheiro constante, que foi o fotógrafo de grande parte das imagens presentes neste trabalho e ao Dr. César Romero, que tão prestimosamente nos deu acesso incondicional à sua incomparável coleção, sem a qual não poderíamos ter tido a visão clara da obra de Genaro de Carvalho. Agradecemos também às bibliotecárias da Biblioteca Margarida Costa Pinto, Rosina Alice Bahia Carvalho dos Santos e Maria Aparecida Conceição França e França, onde foi iniciada a pesquisa, à Roberto Alban Galeria de Arte e à Galeria Renot, que prontamente nos forneceram os catálogos produzidos em 2003.

BIBLIOGRAFIA

- AMADO, Jorge. *Bahia de todos os santos; guias de ruas e mistério*. 27a. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977. 372p.
- ANDRADE, Edson de. *Aspectos da Tapeçaria Brasileira. Apresentação Clarival do Prado Valladares*. Rio de Janeiro: Spala, 1978. 143p.
- ARTE nos séculos. São Paulo: Abril Cultural, 1971. v.8: *Pintura no Brasil*. p.96.
- BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DA BAHIA. *Núcleo de Artes; primórdios da arte moderna na Bahia*. Salvador: [s.n.], 1982.
- BARRETO, Moniz. *As Artes na Atualidade; uma fase da Pintura de Genaro de Carvalho ainda desconhecida*. *A Tarde*, Salvador, 27 jan. 1955. *Caderno Literatura e Arte*, p.5.
- BASTOS, Carlos. *Carlos Bastos*. Rio de Janeiro: C. Bastos, 2000. 230p.
- BÉNÉZIT, E. *Dictionnaire critique et documentaire des peintres, sculpteurs, dessinateurs et graveurs*. 9a. ed. Paris: Gründ, 1976. v.2, p.569.
- COELHO, Ceres Pisani Santos. *Artes plásticas; movimento moderno na Bahia*. Tese para Concurso de professor assistente do Departamento I da Escola de Belas Artes da UFBA. Salvador: 1973. 223p.
- CRUZ, Luiz Gonzaga. *A arte do mural e o muralismo na Bahia*. Tese apresentada ao Concurso para professor assistente do Departamento de Desenho da Escola de Belas Artes da UFBA. Salvador: 1973. p.67-68.
- DATAS. *Revista Veja*, Rio de Janeiro: Abril Cultural, n. 148, 7 jul. 1971, p.82.
- EXPOSIÇÃO de quadros Genaro de Carvalho. Salvador: [s.n.], 1948. *Catálogo da exposição realizada no Hall do Edifício Oceania*.
- EXPOSIÇÃO Genaro. Salvador: Galeria Oxumaré, 1956. *Catálogo da exposição*.
- EXPOSIÇÃO Genaro. Salvador: Galeria Quirino, 1965. *Catálogo da exposição*.
- EXPOSIÇÃO Genaro. [Rio de Janeiro]: Petite Galerie, [1967]. *Catálogo da exposição*.
- EXPOSIÇÃO Genaro. [Rio de Janeiro]: Astréia, [1969]. *Catálogo da exposição*.
- EXPOSIÇÃO Genaro. Salvador: Roberto Alban Galeria de Arte, 2003. *Catálogo da exposição*.
- EXPOSIÇÃO Genaro. São Paulo: Renot, 2003. *Catálogo da exposição*.
- FOI o criador da arte da tapeçaria na Bahia. *A Tarde*, Salvador, 03 jul.1971. p.3.
- GENARO DE CARVALHO. In: *ENCICLOPÉDIA de Artes Visuais*. São Paulo: Itaú Cultural, [199?]. Disponível em <http://www.itaucultural.com.br/index.cfm?cd_pagina=162>. Acesso em: 10 jun.2003.
- GENARO e a longa história interrompida. *Revista Veja*, Rio de Janeiro: Abril Cultural, n. 147, 30 jun. 1971, p.13.
- GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. 4a. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p.426-475.
- IMPRENSA OFICIAL DA BAHIA. *Genaro*. Salvador: IOB, 1969. (Coleção plásticos da Bahia, 4)
- KAWALL, L. E. M. *Artes reportagem*. São Paulo: Centro de Artes Novo Mundo, 1972. p.136-139.

- LEITE, José R. *Teixeira. Dicionário crítico da pintura no Brasil*. Rio de Janeiro: Artlivre, 1988.
- LOUZADA, J. *Artes plásticas; seu mercado seus leilões*. São Paulo: Lithografia Ypiranga, 1985. v.1. p.221.
- LOUZADA, M. A. e LOUZADA, J. *Artes plásticas Brasil; seu mercado seus leilões*. São Paulo: Julio Louzada Publicações, 1998. v.10. p.188
- LUDWIG, Selma C. *A Escola de Belas Artes cem anos depois*. Salvador: EDUFBA, 1977. 17p. (80, Centro de Estudos Baianos).
- MÊS DE JUNHO In: *AGENDA de 1972*. Salvador: GB Grupo Empreendimentos da Bahia S.A., 1972.
- PONTUAL, Roberto. *Dicionário das artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p.233-234.
- REVISTA DA 5a. CONVENÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO LOJISTA. Organizado por Vasconcelos Maia, Carlos Carneiro e Pedro Jorge Onofre. Salvador, 1964. “não paginado”.
- SCALDAFERRI, Sante. *Os primórdios da arte moderna na Bahia; depoimentos, textos e considerações em torno de José Tertuliano Guimarães e outros artistas*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; FCEBA; Museu de Arte da Bahia, 1997. 182p. (Coleção Casa de Palavras. Série Memórias; 02)
- TAPEÇARIA. In: *ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL*. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1994. v.19, p.10722-10727.
- VALLADARES, Clarival do Prado. *Tapeçaria de Genaro de Carvalho*. *Jornal da Bahia*, Salvador, 6-7 jan. 1963. Caderno 2, p.8
- VERGER, Pierre. *Relações Bahia-África; culto dos orixás*. In: AMADO, Jorge; VERGER, Pierre; REGO, Waldeloir. *Iconografia dos Deuses Africanos no Candomblé da Bahia*. São Paulo: Raízes, 1980. “não paginado”.

INTERNET

- http://www.culture.fr/cgi-bin/bordeaux_musee/bordeaux?artiste=lhote&fichier=liste.txt, acessado em 10/06/2003
- http://www.mac.usp.br/projetos/seculoxx/modulo1/construtivismo/cubismo/section_dor/fernand_leger/ acessado em 10/07/2003
- <http://www.musee-fernandleger.fr/> acessado em 10/06/2003
- <http://www.arts-studio.com/cgi-bin/shop/leger.cgi?page=1> acessado em 10/06/2003
- <http://www.bcn.fjmiro.es/> acessado em 22/08/2003
- <http://www.fasvs.pt/pr055.htm> acessado em 22/08/2003
- <http://sablons.chez.tiscali.fr/lhote.htm#oeuvre>